

Emys orbicularis (Linnaeus, 1758)

Cágado-de-carapaça-estriada

Galápago europeu, European Pond Terrapin

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Emys orbicularis é a única espécie da família Emydidae que ocorre no Paleártico. Embora no passado tenha sido considerada uma espécie monotípica de ampla distribuição, diversos trabalhos mais recentes permitiram a sua divisão em 13 subespécies morfologicamente distintas (Fritz, 1998). Além disso, estudos de DNA mitocondrial identificaram numerosos haplótipos diferentes, correspondentes a áreas geográficas distintas, sugerindo a existência, no passado, de múltiplos refúgios glaciares localizados provavelmente nas penínsulas do Sul da Europa (Lenk et al., 1999). Na Península Ibérica estão identificadas duas subespécies que, com a subespécie do Norte de África *E. o. occidentalis*, constituem o grupo *occidentalis* (Fritz, 1993; Fritz et al., 1996; Fritz, 1998). A subespécie que ocorre no Oeste da Península Ibérica, *E. o. hispanica*, descrita para a região andaluza de Doñana, distingue-se morfologicamente da subespécie descrita para a costa oriental de Espanha, *E. o. fritzjuergenobsti*, por apresentar a carapaça mais larga, a sutura inter-femural mais curta e uma coloração mais escura (Fritz et al., 1996; Fritz, 1998). Análises recentes sobre a variabilidade do DNA mitocondrial mostram resultados contraditórios, pelo que a validade destas três subespécies só poderá ser clarificada através da realização de estudos mais aprofundados (Velo et al., 2005; Velo-Antón et al., 2008b).

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É uma das tartarugas de água doce com maior distribuição. Ocupa uma área geográfica que inclui o Norte de África, parte da Península Ibérica, Europa do Sul, Central e de Leste, incluindo a Polónia e os Países Bálticos, passando pela Turquia até à região do mar Cáspio na Rússia, Ucrânia, Turquemenistão, Cazaquistão e Irão (Ernst & Barbour, 1989; Fritz, 1998; Fritz & Andreas, 2000). No Norte de África ocorre de forma dispersa a norte do Atlas, em Marrocos, na Tunísia e no Leste da Argélia (Bons & Geniez, 1996; Schleich et al., 1996). Ocorre em todas as penínsulas do Sul da Europa bem como na Córsega, Sardenha, Sicília, nas ilhas Baleares (Maiorca e Menorca) e em inúmeras ilhas do Mediterrâneo Oriental (Fritz, 1998). Na Europa Central a distribuição é muito fragmentada, tendo desaparecido do Leste de França, Países

Baixos, Oeste da Alemanha, Dinamarca, Suíça, grande parte da Áustria e República Checa (Fritz, 2001). O limite norte da sua distribuição situa-se na Rússia, aproximadamente à latitude de Moscovo (Bozhansky & Orlova, 1998) e o limite leste nas imediações do Mar Aral, no Cazaquistão (Fritz, 2001; Mazanaeva & Orlova, 2004). Na Península Ibérica apresenta uma distribuição descontínua e muito fragmentada (Keller & Andreu, 2002). Em Espanha, está apenas ausente das regiões das Astúrias e Cantábria, no Norte, e de Múrcia, no Sudeste. É relativamente frequente nalgumas regiões, nomeadamente na faixa costeira da Comunidade Valenciana, na região de Madrid, na bacia do Douro, em Castilla-Léon, e nas regiões do Norte e do Leste da Andaluzia (Keller & Andreu, 2002).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, apresenta uma distribuição fragmentada sendo mais comum a sul do rio Tejo. No Sul, a espécie ocorre principalmente na bacia do rio Guadiana, no distrito de Portalegre (bacia do rio Tejo), na região costeira central do Algarve e nas costas Sudoeste Alentejana e Vicentina. A norte do rio Tejo, as observações são muito dispersas, e correspondem provavelmente a populações isoladas. No Centro e Norte do país, as populações mais importantes identificadas até ao momento situam-se na região Oeste (Araújo et al., 1997) e numa pequena região de Trás-os-Montes. Ocorre desde o nível do mar até uma altitude de 980 m, mas a maior parte das localizações foi registada a altitudes inferiores a 300 m. A maioria dos registos corresponde a observações de um só indivíduo, na maioria dos casos de adultos, e em situação de simpatria com o cágado-mediterrânico *Mauremys leprosa* (Araújo et al., 1997). Com efeito, as observações de *E. orbicularis* são mais frequentes no interior da área de distribuição de *M. leprosa* e ambas as espécies tendem a responder a factores ambientais idênticos (Segurado & Araújo, 2004). Porém, foram recentemente identificadas algumas populações importantes de *E. orbicularis* em situação de alopatria, nomeadamente nas lagoas temporárias da faixa costeira do Sudoeste Alentejano e na bacia do rio Terva, em Trás-os-Montes. Estas populações apresentam as abundâncias mais elevadas observadas em Portugal, estando as

diferentes classes de idade bem representadas. Uma possível explicação para esta observação consiste no facto de as populações do Norte estarem localizadas numa região bioclimática não tolerada por *M. leprosa*, enquanto as do Sudoeste Alentejano ocupam um tipo de habitat que provavelmente não apresenta condições para a persistência de *M. leprosa*.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

É considerada uma espécie rara e em declínio na maioria das regiões onde ocorre, devido essencialmente à destruição dos seus habitats para fins agrícolas ou urbanísticos (Bons & Geniez, 1996; Bozhansky & Orlova, 1998; Devaux & Bley, 1998; Mascort, 1998; Schneeweiss, 1998; Szczerbak, 1998; Taskavak & Reimann, 1998; Lacomba & Sancho, 2000; Quesada, 2000; Cordero & Ayres, 2004; Fattizzo, 2004; Kotenko, 2004; Lacomba & Sancho, 2004; Maciantowicz & Najbar, 2004; Mazanaeva & Orlova, 2004; Puky et al., 2004). Entre outros factores de ameaça destaca-se a captura para fins comerciais, a poluição, a pesca desportiva e a competição com espécies exóticas, com particular relevância para *Trachemys scripta* (Cadi & Joly, 2004; Nemoz et al., 2004). Em Portugal, esta espécie foi classificada com o estatuto de “Em Perigo” (Cabral et al., 2005) e, embora não existam estudos de longo prazo que demonstrem o sentido da evolução das suas populações, algumas evidências sugerem o seu declínio. A reduzida abundância e quase ausência de juvenis em grande parte dos locais de ocorrência sugerem que o recrutamento está a ser limitado por factores desconhecidos. Por outro lado, populações com abundância moderada, como sucede nos sistemas de lagoas temporárias do Sudoeste alentejano, podem estar seriamente ameaçadas pela recente intensificação agrícola (Beja & Alcazar, 2003). Com efeito, muitas lagoas temporárias estão a ser destruídas ou transformadas em charcos de rega mais fundos e permanentes, que são frequentemente colonizados por *M. leprosa*. Apesar da presença do cágado-de-carapaça-estriada ter constituído um dos critérios para a delimitação de alguns dos sítios propostos para integrar a Rede Natura 2000, não foram até ao momento realizadas acções directas de conservação sobre nenhuma população em particular.

Pedro Segurado e Paula Rito Araújo

